

# Elizabeth Bishop – Chegada em Santos

Eis uma costa; eis um porto;  
após uma dieta frugal de horizonte, uma paisagem:  
morros de formas nada práticas, cheios – quem sabe? – de  
autocomiseração,  
tristes e agrestes sob a frívola folhagem,  
uma igrejinha no alto de um deles. E armazéns,  
alguns em tons débeis de rosa, ou de azul,  
e umas palmeiras, altas e inseguras. Ah, turista,  
então é isso que este país tão longe ao sul  
tem a oferecer a quem procura nada menos  
que um mundo diferente, uma vida melhor, e o imediato  
e definitivo entendimento de ambos  
após dezoito dias de hiato?  
Termine o desjejum. Lá vem o navio-tênder,  
uma estranha e antiga embarcação,  
com um trapo estranho e colorido ao vento.  
A bandeira. Primeira vez que a vejo. Eu tinha a impressão  
de que não havia bandeira, mas tinha que haver,  
tal como cédulas e moedas – claro que sim.  
E agora, cautelosas, descemos de costas a escada,  
eu e uma outra passageira, Miss Breen,  
num cais onde vinte e seis cargueiros aguardam  
um carregamento de café que não tem mais fim.  
Cuidado, moço, com esse gancho! Ah!  
não é que ele fisgou a saia de Miss Breen,  
coitada! Miss Breen tem uns setenta anos,  
um metro e oitenta, lindos olhos azuis, bem  
simpática. É tenente de polícia aposentada.  
Quando não está viajando, mora em Glen  
s Falls, estado de Nova York. Bom. Conseguimos.  
Na alfândega deve haver quem fale inglês e não  
implique com nosso estoque de bourbon e cigarros.

Os portos são necessários, como os selos e o sabão,  
e nem ligam para a impressão que causam.

Daí as cores mortas dos sabonetes e selos –  
aqueles desmancham aos poucos, e estes desgrudam  
de nossos cartões-postais antes que possam lê-los  
nossos destinatários, ou porque a cola daqui  
é muito ordinária, ou então por causa do calor.  
Partimos de Santos imediatamente;  
vamos de carro para o interior.

**Elizabeth Bishop, Questões de viagem**